



## Seguros por terra, céu e mar: o efeito Pan nas representações midiáticas do jornal *O Globo*<sup>1</sup>

Ricardo Ferreira FREITAS<sup>2</sup>  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

Vania Oliveira FORTUNA<sup>3</sup>  
Universidade Veiga de Almeida - UVA

### Resumo

O Brasil oferece pequenos, médios e grandes eventos artísticos, esportivos e de negócios. O Rio de Janeiro é diariamente retratado pela mídia como perigoso e inseguro. O tráfico de drogas é representado como um poder paralelo ao público. A segurança pública é tida como truculenta e ineficiente. Entretanto, os jogos Pan-Americanos surgem como uma gigantesca onda que invade as ruas e a mídia. A força policial é diariamente legitimada. As narrativas dizem que a cidade está segura por terra, céu e mar. Começa um período mítico. Parece que vivemos sob uma atmosfera diferente, mais leve. É um tempo curto, mas intensamente vivido e inscrito na memória. É a análise desse entrelaçamento de discursos que investigamos nas páginas do jornal *O Globo* durante o Pan no Rio.

**Palavras-chave:** megaevento; violência urbana; sociabilidade; mídia; *O Globo*.

As megalópoles são povoadas por mensagens em todos os seus recantos [...] É o mundo da autoridade da comunicação e da transfiguração do político – dois campos que se entrecruzam tanto nos espaços físicos quanto nos virtuais. No entanto, a ambivalência das comunhões comunitárias pós-modernas, em que o lugar faz o elo, pode abrigar manifestações das mais diversas ordens em nome do prazer ou da dor, como nos grandes eventos artísticos, esportivos, político-partidários e mesmo religiosos. (FREITAS e NACIF, 2005, p. 7).

O encontro do megaevento com a mídia é um dos pontos importantes que devem ser observados quando se deseja desvendar alguns dos mistérios que permeiam uma cidade enquanto sede de um grande evento. Ambos evoluíram de mãos dadas, se

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 13 a 15 de maio de 2010.

<sup>2</sup> Professor adjunto da Faculdade de Comunicação Social da UERJ. Pós-doutorado em comunicação pelo CEAQ/Sorbonne (2007), doutorado em sociologia pela Universidade René Descartes-Paris (1993), mestrado em comunicação e cultura pela ECO-UFRJ e graduado em relações públicas pela UERJ. É autor de “Centres commerciaux: îles urbaines de la postmodernité”, L’Hamattan, Paris. [rfreitas@uerj.br](mailto:rfreitas@uerj.br)

<sup>3</sup> Professora do curso de Comunicação Social da Universidade Veiga de Almeida, mestrado em comunicação pela UERJ, especialização em comunicação empresarial pela Universidade Candido Mendes e graduada em jornalismo pela Universidade Estácio de Sá. [vaniafortuna@gmail.com](mailto:vaniafortuna@gmail.com)



estruturando conforme o avanço tecnológico. Eles se relacionam e se inscrevem no espaço urbano, produzindo experiências comunicativas. A cidade é o palco dos contrastes, do encontro das diferenças. Suas ruas assistem o vai e vem de pessoas que têm visões opostas do mundo, estilos diferentes de vida, corpos que se misturam às arquiteturas antigas e modernas que parecem falar aos nossos ouvidos. São vozes, olhares e sensações que constituem a polifonia de uma cidade, que enchem de sentido os panoramas metropolitamos, privilégios de uma comunicação urbana identificada e deliciosamente descrita por Massimo Canevacci (2004).

Michel Maffesoli (2005) atribui especial importância à observação de grandes ajuntamentos e dos excessos característicos das efervescências sociais. Nestes eventos desenvolve-se um tipo de sociabilidade onde não se deseja compreender, nem conhecer profundamente o outro, saber dos seus atributos pessoais ou financeiros. Por algumas horas ou alguns dias os problemas do cotidiano ficam em segundo plano, pois o primeiro é encontrar os amigos, se unir ao desconhecido e dançar junto, torcer junto ou até reclamar junto. Tanto faz. O importante é estar junto. Revela-se, para o autor, um caminho ousado, mas muito interessante para os estudos da sociedade contemporânea.

Festas, celebrações e rituais sempre estiveram presentes em diferentes culturas, desde as mais primitivas. A denominação “mega” dos eventos é explicada por Malena Segura Contrera e Marcela Moro como um recurso publicitário que seduz o público à concentração massiva em um mesmo espaço. A estrutura e a intensidade das festas e celebrações foram modificadas na Modernidade, dentro do contexto da cultura de massa e da estética por ela imposta. O século XX consolidou uma nova percepção do mundo proposta por um cotidiano repleto de urgências. O homem contemporâneo recebe estimulações nervosas e mergulha numa profusão de imagens e textos, “hiperestímulo da nova dinâmica da vida humana urbana, permeada pela velocidade associada à multiplicação desenfreada dos contatos mediatizados” (2009, p. 2).

O Brasil, e em especial o Rio de Janeiro, vive um momento rico para essa discussão já que megaevento virou palavra de ordem e até sinônimo de esperança de melhorias no cotidiano da população devido ao tão falado “legado deixado”. A Copa de 2014 e as Olimpíadas de 2016 ocupam boa parte dos discursos e dos argumentos dos políticos brasileiros e também dos noticiários de todo o país.

Tratando-se de Rio de Janeiro, a violência urbana é um tema recorrente na mídia. As representações que hoje são feitas do homem, da violência e das instituições que os cerca são em sua grande maioria construídas pelos meios de comunicação de



massa. Esses discursos, que têm ampla visibilidade, nomeiam e classificam as práticas sociais, produzindo significados. A imagem do Rio está associada à violência, mas a cidade e os megaeventos continuam atraindo milhões de pessoas de todo o mundo. Pensando nisso, estabelecemos uma relação entre megaeventos, violência e mídia.

Neste artigo, interessa-nos analisar como *O Globo* trata a violência urbana em tempos de megaeventos; perceber a representação da imagem da cidade neste período; interpretar as apropriações dos materiais simbólicos e como tudo isso se reflete no espaço público. Para isso, trabalhamos com o estudo das representações da violência no Rio de Janeiro através da análise das narrativas do jornal *O Globo* em julho de 2007, mês em que a cidade sediou os Jogos Pan-Americanos. Percebemos um paradoxo nas páginas deste jornal: enquanto diariamente elas nos mostram um Rio violento e inseguro, durante um megaevento o discurso padronizado se entrelaça de forma relevante com narrativas que oferecem outra cidade, bastante segura, legitimando repetidamente a segurança pública. Um novo e temporário imaginário urbano é construído. O cenário parece perfeito, um sedutor convite aos jogos, às ruas, à sociabilidade que pulsa nas efervescências sociais.

Ao escolhermos *O Globo* para ilustrar esse debate, consideramos a importância do veículo no cenário fluminense e nacional, conscientes da sua força na construção da opinião pública. Tentamos também demonstrar que o jornal não foge, em nenhum momento, à lógica do mercado, atribuindo o valor-notícia àquilo que efetivamente vende. Neste caso, o que vende é a violência (ou a surpreendente ausência dela) e as festas de grande porte.

A experiência com o Pan de 2007 nos alerta para a efemeridade dos aspectos positivos conseqüentes ao megaevento. O mesmo jornal *O Globo*, após o Pan, continua explorando as obras inacabadas e os erros cometidos no evento, mas não deixa de apoiar abertamente as estratégias para o Rio de Janeiro sediar as Olimpíadas de 2016, ao mesmo tempo que ocupa suas páginas com as maravilhas que serão vividas na cidade na época da final da Copa de 2014, quando o Maracanã sediará a partida final do campeonato. Entre hipocrisias, verdadeiras esperanças e desafios cotidianos, que vão além do megaevento, cabe à academia refletir um pouco mais sobre esse panorama. Essa é a nossa proposta fundamental.

### **Sob a proteção do Pan: o megaevento movimentando a mídia**



Entre 13 e 29 de julho de 2007, o Rio de Janeiro sediou os Jogos Pan-Americanos, considerados o maior evento realizado no Brasil desde 1963, quando houve o Pan em São Paulo. Obviamente a cidade não pára, mas assiste, ora entusiasmada ora preocupada, sua rotina se transformar num turbilhão de novos acontecimentos. A mídia prioriza o megaevento, reduzindo substancialmente o espaço normalmente destinado a outros temas. As pessoas nas ruas, em casa, no trabalho, praticamente só falam disso, até porque a todo instante recebem novas informações que incrementam as conversações. São as narrativas cotidianas impregnadas pela mídia, debatendo e criando expectativas sobre tudo que pode ou vai acontecer durante esse período.

Há um clima diferente no ar. Algumas mudanças podem ser facilmente apontadas, como as novas estratégias de segurança pública, por exemplo; outras nem tanto, como a vontade, de que nos fala Canclini na citação da epígrafe, de superar as diferenças e vivenciar com o outro um momento de confraternização. Essas alterações no comportamento social são em muito influenciadas pelas representações midiáticas. No estudo de que trata este artigo, nossa observação inicial é de que as narrativas do jornal *O Globo* sobre violência também se apresentaram de maneira diferente, influenciadas por uma metamorfose passageira que movimenta o cotidiano, o período do Pan.

Diariamente, as narrativas sobre violência se repetem nas páginas do jornal *O Globo*, que representa o espaço público como um lugar onde proliferam o medo e a insegurança. A cidade do Rio de Janeiro é focalizada como palco de constantes conflitos urbanos cuja conseqüência é a vitimização da população. Entretanto, no mês em que foram realizados os Jogos Pan-Americanos percebemos que essas mesmas páginas protagonizaram um paradoxo: o Rio foi representado dia após dia e simultaneamente ora como uma cidade violenta - uma cidade dos medos, ora como uma cidade segura - uma cidade dos sonhos. Não percebemos mais uma cidade, mas duas em uma, ou melhor, várias em uma. É o efeito Pan interferindo no ato de narrar. Nosso *corpus* de análise são as matérias publicadas na Editoria Rio e no Caderno Esportes Rio 2007 entre os dias 01 e 31 de julho de 2007.

Repetitivas e fragmentadas, as narrativas sobre o tráfico de drogas diariamente se destacam nas páginas do jornal *O Globo*. Em julho de 2007, não foi diferente. Suas representações circularam alimentando a insegurança que decorre da violência presente no espaço urbano contemporâneo. Diferente foram essas representações circular



paralelamente com outras que diziam o contrário, como veremos mais à frente. Segundo Maffesoli, “Existe, com efeito – é importante frisá-lo -, um vaivém constante entre os estereótipos da vida de todos os dias e os arquétipos, enraizados na memória coletiva, e muito bem ilustrados pelos mitos, contos e lendas” (2004, p. 96).

Para manter o poder simbólico Contrera afirma que a mídia se utiliza de uma “forte estética do espetáculo” (2002, p. 51), preocupando-se, muitas vezes, mais com a forma da informação do que com a qualidade de um discurso contextualizado. Na busca frenética pela visibilidade a mídia adquiriu um caráter narcisista. A autora relaciona esta questão à busca também frenética pelo entretenimento. A sociedade estaria atraída mais por jogos competitivos do que por interações lúdicas. Contrera propõe sua reflexão sobre a influência da imagem-mercadoria e da informação-mercadoria como uma ferramenta típica da cultura de uma sociedade do espetáculo, expressão que a autora toma emprestado de Guy Debord. Este autor relaciona a decadência social à cultura de massa, situando o espetáculo dentro de um cenário de capitalismo avançado, que exerce controle sobre a vida cotidiana.

A mídia é um lugar privilegiado para se criar padrões. *O Globo*, há alguns anos, mantém um discurso que associa o Rio de Janeiro à violência. Entretanto, a realização dos Jogos Pan-Americanos estabeleceu novos rumos ao seu discurso. As narrativas padronizadas foram invadidas por outras vozes. Vozes que representam interesses diversos e todo um investimento socioeconômico planejado, com anos de antecedência, para a produção do Pan, ação inerente a qualquer megaevento. A mídia brasileira, cujo apoio era determinante para a imagem do evento, precisava construir um imaginário que criasse as melhores expectativas para a cidade.

O Pan deixou a cidade com quase tudo o que o carioca quer: o Rio recebeu investimentos, passou a ter os estádios mais modernos do país, comprovou sua capacidade de organizar eventos internacionais, voltou a ser o centro das atenções e lançou moda – tudo isso sem os temidos engarrafamentos e episódios de violência. (*O Globo*, 29/07/07, p. 11).

### **Do caos à tranquilidade: as representações midiáticas do jornal *O Globo***

No dia 2 de julho, uma reportagem sobre a inauguração do Estádio João Havelange (o Engenhão), um dos equipamentos esportivos construídos para os jogos, apresenta uma relação do que foi aprovado e reprovado, pelo jornal, durante o evento. A



segurança encabeça a lista dos aprovados: “O policiamento ostensivo com 750 homens da PM e da Força Nacional teve apoio até de um helicóptero. O esquema foi mantido por horas depois da saída das torcidas. A PM agiu rapidamente no início das brigas e tumultos”.

Os nossos “top gun”<sup>4</sup>

“Ases indomáveis”: pilotos do policiamento aéreo já mapearam toda a cidade Os céus do Rio terão, durante o Pan, um esquadrão aéreo.

[...] ele é reforçado por 65 policiais civis e militares de 25 estados e do distrito federal.

[...] 24 helicópteros e planadores – já sobrevoa a cidade em operações de treinamento e reconhecimento há aproximadamente dois meses. (*O Globo*, Esportes Rio 2007, 04/07/07, p.14).

PMs, agora, de moto e com fuzil

Cinco equipes do novo grupamento motorizado começam a patrulhar Av. Brasil A primeira turma de 40 policiais se formou no mês passado, especificamente, para atuar nos Jogos Pan-Americanos. (*O Globo*, 14/07/07, p. 19)

Cães da Guarda já atuam no policiamento

A partir de agora, os Jogos Pan-Americanos vão dar um trabalho de cão, pelo menos para 20 dos 46 pastores alemães da Guarda Municipal que vão patrulhar as áreas externas das competições. (*O Globo*, Esportes Rio 2007, 19/07/07, p. 12).

Além de especificar diariamente quantos homens, animais e veículos estão envolvidos em cada estratégia de proteção, a repetição dos advérbios agora e já nos apresenta a idéia de que todo planejamento de segurança está efetivamente sendo executado e obtendo resultados positivos antes mesmo da abertura dos jogos. O Rio de Janeiro está sendo “arrumado” para viver dias de tranquilidade. As narrativas têm “poder distributivo e força performativa (ela realiza o que diz) quando se tem um certo conjunto de circunstâncias. Ela é então fundadora de espaços” (CERTEAU, 1994, p. 209). Percebemos, na fase que antecede os jogos, a elaboração de discursos de transição que tenta superar uma cidade dos medos e oferecer uma cidade dos sonhos, criando, dessa forma, um campo necessário que, através da repetição, precede as representações que vão se efetivar. “Eis aí precisamente o primeiro papel do relato. Abre um teatro de legitimidade a ações efetivas. Cria um campo que autoriza práticas sociais arriscadas e contingentes” (Ibid., p. 210 e 211).

---

<sup>4</sup> O grupo que integra a Avião Nacional de Segurança Pública foi apelidado de Top guns do Pan, numa referência ao filme “Ases indomáveis”, uma produção norte-americana da década de 80, estrelada por Tom Cruise, que foi um grande sucesso de bilheteria.



Em 08 de julho, temos uma página inteira que de forma espetacular anuncia “O Rio em que o carioca sempre quis viver – A cidade dos sonhos: Pan cria expectativa de ruas mais seguras e alegres, pelo menos enquanto jogos durarem”. O enunciado é de fundamental importância para o discurso jornalístico, pois ele estimulará os sentidos que começarão a dimensionar a leitura das narrativas. A espetacularização da notícia já se evidencia na forma de enunciar.

Imagine uma cidade segura, com mais policiamento. A babel de forças federais, estaduais e municipais trabalhando em sintonia. As pessoas andando despreocupadas, como se o Rio tivesse recuado no tempo. Parece sonho? Pode ser. Mas é a expectativa dos cariocas para este julho atípico, aquecido pelos Jogos Pan-Americanos, que atraem para a capital fluminense se não um batalhão de atletas e equipes de apoio como também um reforço de 13 mil policiais, entre integrantes da Força Nacional, agentes federais e PMs [...] Junte-se a essa expectativa de uma cidade mais tranqüila uma esperada efervescência de eventos, que acontecerão paralelamente aos jogos, embora não estejam relacionados diretamente à competição. (*O Globo*, Esportes Rio 2007, 08/07/07, p. 10).

O início da narrativa parece nos convidar a fechar os olhos e deixar fluir a imaginação. Este relato não pretende se ajustar à realidade, mas busca dar credibilidade ao texto através de um real que abre espaço para a ficção. Nesse sentido, “ela se afasta do ‘real’ – ou melhor, ela aparenta subtrair-se à conjuntura: ‘era uma vez...’. Deste modo, precisamente, mais que descrever um ‘golpe’, ela o faz” (CERTEAU, Op. Cit., p. 153). Notamos que mesmo diante de uma proposta mais descontraída de narração, há lugar para a repetição do efetivo policial, característica de redundância identificada em todo o texto, além de ser encontrada na maioria das matérias analisadas. Também são apresentados vários depoimentos que atribuem credibilidade à cidade, ao mesmo tempo em que se preocupam com o pós-Pan, sob o subtítulo “Período ‘mítico’ como em 1992”.

“A cidade vai viver mais um período mítico. Aposto todas as minhas filhas na certeza de que os cariocas se sentirão muito mais seguros. Mas não podem pensar que o problema da segurança se resolve apenas com homens e armas”. (Geraldo Tadeu Monteiro, sociólogo e professor da UERJ, *O Globo*, Esportes Rio 2007, 08/07/07, p. 10).

“O Pan é uma oportunidade para a gente ter um foco na segurança e não na insegurança, como tem ocorrido”. (Rubem César Fernandes, antropólogo e coordenador do Viva Rio, *O Globo*, Esportes Rio 2007, 08/07/07, p. 10).

“Se eu fosse bandido, tiraria férias. Com esse esquema de policiamento, vai dar até para andar de Rolex na rua”. (Luiz Strauss de Campos, presidente da Abav, *O Globo*, Esportes Rio 2007, 08/07/07, p. 10).





Este procedimento é mais uma estratégia para a instituição do real, pois, como afirma Certeau, “citar o outro em seu favor é, portanto, dar credibilidade aos simulacros produzidos num lugar particular” (Op. Cit., p. 290). As narrativas são compostas com “fragmentos tirados de histórias anteriores e ‘bricolados’ num todo único. Neste sentido, esclarecem a formação de mitos, como também a função de fundar e articular espaços” (Ibid., p. 208). Para organizar um espaço diferente daquele que vinha sendo praticado, ou seja, para articular a imagem de um Rio de Janeiro perigoso em cidade segura, o ato de narrar foi decisivo, uma vez que ele é criador e transformador de espaços e de relações mutáveis que neles se estabelecem.

No dia 9, a matéria intitulada “Passeio tranquilo pelas ruas da Vila do Pan” refere-se a um jornalista do O Globo que entrou na vila pela porta de saída, andou tranquilamente, conversou com várias pessoas e foi embora sem ser abordado pelos agentes de segurança. Em 11 de julho, “Entorno do estádio tomado por meninos de rua” nos fala que do lado de fora do Maracanã grupos de jovens se drogam e roubam pedestres. No dia 12, “Ônibus do remo é apedrejado” na linha amarela quando ia para o treino na Lagoa Rodrigo de Freitas. Em meio aos elogios diários à segurança pública encontramos estas críticas, comprovando que “a mídia é um fluxo, mas não é ininterrupto à maneira como vemos um rio, não é fluxo contínuo; é sucessão de diferentes pedaços sobrepostos, com brechas e falhas entrecruzadas” (ANTUNES e VAZ, 2006, p. 52). É como se você estivesse caminhando por uma via de mão única, neste caso, já vivendo sob a expectativa de uma cidade mais segura e, de repente, um veículo vem na contramão, trazendo de volta representações do medo e da insegurança.

O espaço praticado pelo jornal é dual, opera de diferentes formas e seguem, ao mesmo tempo, direções diferentes. E assim foi no dia da abertura dos jogos. A primeira página do caderno Esportes Rio 2007 tem pouco texto, mas integrado à imagem do Cristo Redentor que ocupa a página inteira, representa a simbiose do megaevento com a cidade.

“Rio de Janeiro, gosto de você”

“Valsa de uma cidade”: o verso inicial de Ismael Netto e Antonio Maria é uma confissão de amor a uma cidade que hoje une os seus dois símbolos máximos em torno do Pan-Americano. Pela manhã, a tocha será abençoada pelo Cristo Redentor. À tarde, o Maracanã será palco da festa de abertura. “Gosto de quem gosta, deste céu, deste mar, desta gente feliz...” (O Globo, 13/07/07, p. 1).





O texto estimula o transporte simbólico para dois ícones arquitetônicos da cidade que recebem o Pan ao som de uma das músicas mais representativas do Rio de Janeiro. Segundo John B. Thompson, “a apropriação dos materiais simbólicos permite aos indivíduos se distanciarem das condições da vida cotidiana – não literalmente, mas simbolicamente e imaginativamente” (1998, p. 156), podendo viver experiências diferentes daquelas do dia-a-dia, ainda que parcialmente. Está oficialmente aberto o período denominado pelo *O Globo* de cidade dos sonhos, e sob esta rubrica encontramos “Sob a proteção do Pan: reforço na segurança para os jogos reduz número de crimes como roubos de carros e homicídios”. A matéria apresenta uma comparação entre os números da violência no Rio, no período de 13 a 18 de julho em 2006 e 2007<sup>5</sup>. Este levantamento, feito pelo próprio jornal, serve de embasamento para algumas afirmações:

A volta das cadeiras nas calçadas

A visível melhoria da sensação de segurança mudou a rotina carioca. Até mesmo na 3ª área integrada de Segurança Pública (Aisp), que engloba bairros como Méier, Engenho Novo, Piedade e Inhaúma. Na região, que registrou o segundo maior índice de roubos de veículos do estado em julho do ano passado, com 257 ocorrências, já se podem ver cadeiras nas calçadas, uma imagem típica do subúrbio de antigamente. (*O Globo*, 22/07/07, p. 18).

Cariocas redescobrem o Rio em passeios a pé depois que anoitece

A noite volta a ser uma criança no Rio. Com a polícia nas ruas para garantir a segurança do Pan, cariocas parecem ter superado o medo de circular a pé pela cidade depois que escurece. Copacabana tem sido o melhor exemplo dessa mudança de comportamento. [...] Embora em Copacabana a mudança de comportamento seja mais evidente, outros bairros da Zona Sul também ganharam vida até mais tarde. [...] Os bons ventos da segurança sopram também na direção do estádio do Maracanã, uma das principais instalações do Pan. [...] E a certeza de que o Rio está mais seguro chegou ao outro lado da ponte. (*O Globo*, 22/07/07, p. 19).

Títulos espetaculares, levantamentos estatísticos, frases que trazem à tona um Rio de Janeiro dos sonhos, com cadeiras nas calçadas e pessoas passeando tranquilamente pelas ruas à noite, ingredientes de uma narrativa que deseja seduzir o leitor para um novo tempo, pois “a experiência mediada é uma experiência do outro, ela cultiva a faculdade de imaginação do indivíduo, que se torna cada vez mais capaz de se ver no lugar do outro – numa nova situação radicalmente diferente” (THOMPSON, Op.

---

<sup>5</sup> “O índice de todos os roubos caiu cerca de 35% na capital, em relação ao mesmo período do ano passado. A queda no número de roubos de veículos – crimes que causaram tantas mortes no Rio nos últimos anos e espalham terror entre moradores – chega a 46% nesses cinco dias. Já os homicídios despencaram 36%”. (*O Globo*, 22/07/07, p. 18)



Cit., p. 167). A forma de narrar demonstra que em meio a um universo de violência que parece impedir toda possibilidade de fuga, existe uma ambiência de afeto e proteção que exhibe uma nova representação do cotidiano, temporariamente pacificado. Imagens e textos produzem uma “osmose com a alteridade – uma espécie de distanciamento em relação à identidade. Uma forma de disponibilidade para o outro. Uma predisposição para a partilha de emoções” (MAFFESOLI, 2007, p 107). O cenário idealizado propõe um convite à sociabilidade, pois o medo está supostamente superado pela eficiência da segurança pública. Entretanto, o fluxo midiático recua quando um parágrafo lembra o fim do evento:

Mas, se a sensação de segurança virou consenso, um receio também: o de que este Rio de Janeiro dos sonhos de qualquer carioca tenha data de validade: o próximo dia 29, quando termina o Pan e, teme-se, também o reforço do policiamento. (*O Globo*, 22/07/07, p. 19).

A partir daí, há seis depoimentos de pessoas que passeiam à noite, em pontos diferentes da cidade, falando da alegria e da segurança do momento que estão vivendo, mas todos têm uma pergunta que não quer calar: e depois do Pan? A certeza do retorno do medo está explícita no próprio título “Sob a proteção Pan”, ou seja, quando o evento terminar a proteção também termina e tudo será como antes. Não há futuro. Há uma quebra temporária do presente provocada por “fluxos repentinos, verdadeiras ‘enchentes’, que inundam os meios de comunicação em dado momento, ampliando a vazão de narrativas sobre determinados acontecimentos” (ANTUNES e VAZ, Op. Cit., p. 52), conforme demonstramos abaixo:

Na cidade das maravilhas: turistas elogiam as belezas do Rio e a segurança, reforçada por causa do Pan.

Na cidade que tem uma das Sete Novas Maravilhas do Mundo, o turista está vendo um Rio bem diferente da realidade do dia-a-dia. O reforço no esquema de segurança, por causa dos Jogos Pan Americanos, transformou o Rio, temporariamente, numa cidade das maravilhas para seus visitantes. (*O Globo*, 23/07/07, p. 12).

Pesquisa: o Rio de alto astral

Tudo de bom: carioca aprova serviços como segurança e transportes  
[...] Entre os quesitos de infra-estrutura analisados, com notas de zero a dez, a segurança ficou na frente, 7,2. [...] (*O Globo*, 28/07/07, p. 13).

O Rio do Pan que já deixa saudade no carioca

Moradores dizem que sentirão falta da segurança, do trânsito tranquilo e da alegria na cidade durante os jogos. (*O Globo*, 29/07/07, p. 24).



O Rio do bem – seguro, sem congestionamentos e, claro, de auto-estima elevada – virou realidade nas duas últimas semanas. Uma turma grande de cariocas já admite que ficará órfã desse Rio, até pouco tempo atrás utópico, e ninguém quer que o sonho termine junto com o Pan. (*O Globo*, 29/07/07, p. 24).

### **O Rio de Pan: a sociabilidade das efervescências sociais**

A festa é um momento de trégua na realidade que nos impõe obrigações, deveres e a convivência com problemas sociais que atormentam a nossa consciência. Alba Zaluar e Marcos Alvito quando refletem sobre os significados atribuídos à favela entre os anos 20 e 80, falam que os bairros pobres e as favelas do Rio de Janeiro tinham uma rivalidade pelo reconhecimento do melhor samba. Apesar de não excluir o conflito, essa rivalidade se expressava no carnaval e em competições esportivas, “atestando a importância da festa como forma de conflito e socialidade que prega a união, a comensalidade, a mistura, o festejar como antídotos da violência sempre presente, mas contida ou transcendida pela festa” (2003, p. 20). As representações dos Jogos Pan-Americanos construíram uma cidade dos sonhos, onde vivemos alegremente e seguramente em busca de fantasias coletivas. Praticar essas fantasias em megaeventos musicais, esportivos, lúdicos, faz parte do cotidiano de um número cada vez maior de pessoas.

Maffesoli tem uma visão otimista da sociedade contemporânea a partir dos fenômenos das efervescências sociais. Para o autor, a pós-modernidade assiste à superação do egocentrismo. O homem contemporâneo percebe a sua transformação, ou seja, o ser individual agora é constituído de um jogo de forças em constante movimento que domina a sua individualidade e não permite mais que esta comande a situação. Entra em cena um homem plural que se alimenta de múltiplas identificações e quer perder-se num conjunto mais amplo de sensações. Essa “perda” expressa-se, entre outros exemplos, em um megaevento.

Com efeito, das manifestações políticas aos variados ajuntamentos musicais, sem esquecer as celebrações religiosas e outras ocasiões festivas, tudo serve para expressar essa antiga alma mundi, uma alma comum, para viver o prazer da fusão e da confusão. Nunca será demais reiterar essa pulsão animal que leva a imitar o outro. O que está bem distante do suposto individualismo contemporâneo. (Op. Cit., 2007, p. 110).



Vivemos uma época marcada pelo *global entertainment*. Nas efervescências coletivas o tempo pára e o instante se eterniza. É um indício de “uma radical mudança de *épistémê* não mais repousando no indivíduo racional, mas privilegiando a subjetividade de massa” (Ibid., p. 131). Isso significa que o observador social deve trabalhar com uma nova maneira de ver o mundo, sem pretensão de explicar todas as coisas. As agregações contemporâneas são alternativas para o estudo da interpretação das consciências, para tentar descrever o mistério que envolve o corpo e o espírito, que é o mistério do próprio ser. A atitude intelectual denominada pelo autor de “conhecimento comum” (Ibid., p. 145) é fruto de uma ciência menos preocupada com a prevalência do cognitivo e mais atenta à experiência viva que se expressa nos grandes ajuntamentos, que tomam conta das práticas cotidianas e que buscam o ritmo da vida.

A empatia misteriosa que une um ao outro se exprime muito bem nas histerias desportivas, especialmente no futebol. O homem coletivo, apesar das rivalidades das competições, comunga de uma vibração comum, uma experiência que transcende a dimensão econômica ou ideológica.

As histerias desportivas, que nos remetem ao ventre coletivo, estão impregnadas desses pressupostos emocionais, neles fundando uma socialidade carnal e tão viva. Mas é preciso saber ultrapassar nossos próprios preconceitos intelectuais, essencialmente racionalistas e causalistas, para determinar que existe efetivamente nesses fenômenos algo ruidoso, e às vezes de mal gosto, a expressão inegável e em todo caso presente do insuperável animal humano, cujo instinto essencial é ser coletivo. (Ibid., p. 147).

Figuras como gurus, heróis, cantores, desportistas e estrelas de todos os tipos se inscrevem cada vez mais no cotidiano, constituindo pontos de convergência. Elas não exprimem somente sonhos individuais, mas também sonhos coletivos que fazem o grupo entrar em interação. Segundo Maffesoli, “vemos perfeitamente que o indivíduo e o individualismo tendem a perder-se no desejo de um tribalismo cada vez mais confusional. Tribos que nascem, se fortalecem e se exprimem ao redor de figuras agregadoras” (Ibid., p. 126).

*Raves*, as liquidações dos shoppings, os *reality shows*, os cultos religiosos e as grandes concentrações de massa, como os megaeventos, são momentos transcendentais que evocam o espírito coletivo e simbolicamente congregam o que está disperso, afirmando o sentimento comunitário de pertencimento. É um processo de transformação, Maffesoli diria de transfiguração, de “uma busca difusa mais vivenciada



que verbalizada, que está na própria base do desenvolvimento da multiplicidade de grupos ou tribos que constituem a realidade do corpo social” (Ibid., p.126). Mesmo que inconscientemente, estamos “ligados” ao outro. E nas efervescências esportivas e musicais isso aflora de maneira intensa, desencadeando um processo de querer viver com e para o outro, de estar junto. Esta interação torna-se mais importante do que o evento que a provocou.

George Simmel (1983, p. 168) já chamava atenção para o papel da vida em comum, da sociabilidade como forma autônoma e lúdica da sociedade. A interação é a base das efervescências sociais. A sociabilidade se manifesta sem propósitos objetivos. Há interesses individuais, mas eles se dissolvem em meio à interação e se tornam autônomos a ela. Prevalece o interesse coletivo. O que importa é o sucesso da reunião social. Busca-se a confraternização. Cultura, posição social e méritos não podem participar do momento sociável, visto que comprometem a pureza da sua manifestação. Entretanto, Simmel afirma que o mundo da sociabilidade é artificial. O homem pensa que ingressa nesse jogo livre dos conflitos da vida pessoal, mas o “homem coletivo” (Ibid., p.173) não é desprovido do seu aspecto pessoal, ele é apenas mais reservado e atua com certa estilização. Para o autor, a sociabilidade é um símbolo da vida. Ela libera as interações concretas da realidade, mas não a muda. Pelo contrário, “alimenta-se de uma relação profunda e leal com esta realidade” (Ibid., p. 179). Se os laços com a realidade são cortados, a sociabilidade “deixa de ser um jogo e se transforma num namoro leviano com formas vazias, num esquematismo inanimado que inclusive se orgulha de sua falta de vida” (Ibid., p. 179).

No dia 31, dois dias após o encerramento do Pan, O Globo avisa que é hora de acordar. O sonho acabou e os conflitos nas favelas voltam a ser os protagonistas dos seus discursos.

De volta às favelas

Com fim do Pan, polícia retoma operações e vasculha Mangueira, Jacarezinho e Vigário Geral

No dia seguinte ao término dos Jogos Pan-Americanos, a polícia voltou a marcar presença e retomou o combate ao tráfico em três favelas da cidade. (O Globo, 31/07/07, p. 15).

Mais uma vez verificamos a mobilidade dos discursos midiáticos. As narrativas que se seguem despertam o leitor, bruscamente, de um sonho para um “real” padronizado que diariamente mostra o Rio de Janeiro como uma cidade perigosa. O



imaginário do medo está de volta, consagrando como símbolos dessa desordem o tráfico de drogas e a polícia. Durante 30 dias, o “Rio do bem”, construído pelas representações do Pan, invadiu as páginas de *O Globo*, fruto de um movimento midiático que “pode ser comparado ao da formação e propagação de ondas, que começam em algum lugar e seguem crescendo e se movimentando até se tornar uma grande onda que sai varrendo” (ANTUNES e VAZ, Op. Cit., p. 56).

### **Considerações finais**

Neste artigo, tratamos do poder simbólico que a mídia tem para construir socialmente uma realidade. Suas representações produzem sensibilidades individuais e coletivas que se firmam através dos espetáculos da publicidade, das imagens e das narrativas. Toda essa produção de sentidos se reflete no espaço público, cenário onde atores sociais se encontram para trocar experiências e dar sentido ao cotidiano. Esta rede reduz perspectivas individuais e estimula a construção de um conhecimento coletivo.

Também abordamos megaeventos, efervescências sociais que cada vez mais se inscrevem na cultura urbana contemporânea. O tempo de sua realização promove uma ambiência mística onde grande parte das pessoas está suscetível ao outro. Poucos ficam indiferentes a sua passagem pela cidade. A atração pelo espetáculo, a dimensão simbólica das representações que impõem mitos, heróis e vilões, que precisam ser consumidos rapidamente para dar lugar a outros, a busca por efêmeras emoções, mas que são vividas intensamente como se fossem as últimas, fazem com que o nosso tempo seja o aqui e o agora.

Um acontecimento inusitado, que implica na quebra de uma rotina cidadã, confere à mídia permissão para entrelaçar discursos que trabalham com visões diferentes da realidade. Tivemos oportunidade de encontrar esta dinâmica nas matérias jornalísticas do mês de julho de 2007. Constatamos que durante os Jogos Pan-Americanos o jornal *O Globo* permitiu um jogo midiático que propunha, ao mesmo tempo, a realidade e o sonho. Uma cidade assustada pela violência e uma cidade confiante e feliz foram oferecidas como espetáculo, característica de uma estética social.

Percebemos uma cidade com mil faces. Faces que se transfiguram de acordo com a lógica mercadológica. O Rio dominado pela violência, por um mês, passou a ser o Rio que todos nós queremos. Toda essa contradição foi apropriada de diferentes maneiras, promovendo comunhão, protestos e até indiferença às manifestações de amor



e ódio ao evento. Essas manifestações alteraram o ritmo da cidade, demonstrando que uma sobrecarga simbólica pode desencadear mobilizações distintas que fazem dos megaeventos um solo fértil para os estudos de uma lógica comunicativa que observa as relações mutáveis organizadas em torno das representações midiáticas, e seus reflexos no espaço público. Verificamos que assim como as paixões as narrativas vivem o bem e o mal. E nós, consumidores diários dessas representações, praticamos a cidade conforme a sua orientação.

### Referências bibliográficas

ANTUNES Elton; VAZ Paulo Bernardo. Mídia: um aro, um halo e um elo. In: **Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano**. GUIMARÃES César; FRANÇA, Vera. (orgs.). Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

BAUMAN, Zygmunt. **Medo Líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

CALDEIRA, Tereza Pires do Rio. **Cidades de muros: crimes, segregações, cidadania em São Paulo**. São Paulo: Edusp/Editora 34, 2000.

CANCLINI, Nestor Garcia. **A globalização imaginada**. São Paulo: Iluminuras, 2003.

CANEVACCI, Massimo. **A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana**. São Paulo: Estúdio Nobel, 1993

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano 1: artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CONTRERA, Malena Segura. **Mídia e pânico: saturação da informação, violência e crise cultural na mídia**. São Paulo, Annablume: Fapesp, 2002.

FREITAS, Ricardo; NACIF, Rafael. (orgs.). **Destinos da cidade: comunicação, arte e cultura**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2005.

MAFFESOLI, Michel. **O ritmo da vida: variações sobre o imaginário pós-moderno**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

\_\_\_\_\_. **No fundo das aparências**. Petrópolis: Vozes, 2005.

\_\_\_\_\_. **A parte do diabo: resumo da subversão pós-moderna**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

SIMMEL, Georg. **Sociologia**. In: FILHO, Moraes Evaristo de (org.). São Paulo: Ática, 1983.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

ZALUAR, Alba; ALVITO, Marcos. Crime, medo e política. In: ZALUAR, Alba; ALVITO, Marcos (orgs.). **Um século de favela**. Rio de Janeiro: FGV, 2003.